

“Melhor sozinha do que mal acompanhada?”: condicionantes da formação de domicílios monoparentais femininos na Região Metropolitana de Campinas *

Carla Sabrina Favaro *

Resumo

No contexto dos diversos arranjos familiares que fogem ao “modelo nuclear de família”, o fenômeno e a expansão dos domicílios chefiados por mulheres surgem como uma alternativa que algumas vezes ainda é apresentada como exemplo de desorganização dos arranjos familiares. Entretanto, pesquisas recentes têm mostrado que as mulheres chefes podem surgir como a referência mais importante de suas famílias e também como protagonistas de profundas transformações das relações intra-familiares. Este trabalho tem como objetivo analisar as diferentes maneiras através das quais mulheres chefes de domicílios monoparentais se tornaram chefes de seus domicílios e os antecedentes da aquisição da chefia. Para tanto, a investigação se dá através de metodologia qualitativa, desenvolvida a partir da coleta de entrevistas em profundidade de mulheres que vivem na Região Metropolitana de Campinas. Através da análise dos processos que desencadearam a chefia e como as entrevistadas se vêem ou não como as chefes e principais responsáveis pelos seus domicílios, este trabalho objetiva também analisar de que maneira essas mulheres podem se tornar ou não mais autônomas e independentes a partir de suas experiências e relações sociais intra e extra familiar.

* Trabalho apresentado no IV Congresso da Associação Latino Americana de População, realizada em Havana, Cuba, de 16 a 19 de novembro de 2010.

* Doutoranda em Demografia pelo IFCH/UNICAMP.

“Melhor sozinha do que mal acompanhada?”: condicionantes da formação de domicílios monoparentais femininos na Região Metropolitana de Campinas*

Carla Sabrina Favaro*

Introdução

O presente trabalho situa-se na intersecção dos estudos de família e gênero e tem como principal objetivo apresentar alguns dados de uma pesquisa realizada com mulheres chefes de domicílio monoparentais na Região Metropolitana de Campinas². A pesquisa focaliza, portanto, as unidades familiares constituídas por mulheres com filhos e sem a presença de um cônjuge masculino, podendo ou não ter outro parente residente. Para a realização do trabalho e devido aos objetivos propostos, a metodologia de pesquisa qualitativa se apresentou a mais adequada. Tentou-se investigar o processo pelo qual as entrevistadas se tornaram chefes de seus domicílios. A bibliografia latinoamericana tem apontado que diante da ausência do homem, várias mulheres fazem uso de sua rede de parentesco, muitas vezes estendendo a família com outros membros, com o objetivo de melhorar as condições de vida de suas unidades domésticas.

Os estudos das famílias e mais especificamente das transformações familiares envolvem um leque bastante grande de arranjos e processos sociais historicamente definidos e que não podem ser universalizados. Diante das consideráveis transformações pelas quais as famílias vêm passando, como a diminuição da fecundidade, aumento do número de divórcios, da inserção das mulheres no mercado de trabalho e das uniões consensuais, inúmeros trabalhos sobre essas mudanças surgem com diferentes perspectivas. Vários estudos como os de Morgan (1999) têm mostrado que tais mudanças vêm ocorrendo mais no interior das famílias nucleares e que as alterações nas relações de gênero e geração são alguns fatores que podem ajudar a explicá-las. Neste sentido, e de acordo com Therborn (2006), as famílias e os arranjos familiares têm ficado cada vez mais complexos, não cabendo mais associar “família” com somente um tipo dela, a família nuclear. As análises dos arranjos familiares não devem ser associadas a valores atemporais e imutáveis. Não existe uma “família normal” como também não existem “famílias incompletas”. Todas as possibilidades de arranjos familiares, seja o modelo nuclear de família, sejam aquelas complexas e/ou chefiadas por mulheres, devem ser analisadas a luz dos contextos históricos e sociais aos quais estão inseridos.

* Trabalho apresentado no IV Congresso da Associação Latino Americana de População, realizada em Havana, Cuba, de 16 a 19 de novembro de 2010.

* Doutoranda em Demografia pelo IFCH/UNICAMP.

² Este trabalho é fruto da dissertação de mestrado defendida e aprovada no IFCH/UNICAMP, orientada pela Prof^a Dr^a Elisabete Dório Bilac e financiada pela FAPESP (processo nº 07/52575-6).

Trabalhos como de Goldani (1994) mostram tanto as permanências como as mudanças nas desigualdades de gênero no interior das famílias, assinalando que a coexistência de diversos arranjos domiciliares possibilita uma visão menos conservadora, superando a idéia da suposta “crise da família”. Apesar das inúmeras desigualdades de gênero ainda existentes no Brasil, nota-se que presença de algumas transformações das relações hierárquicas nos contextos familiares podem também engendrar mudanças significativas na inserção das mulheres nas famílias e na sociedade (Pinelli, 2004). O aumento do nível de escolaridade feminina, superando o masculino, e a maior participação feminina no mercado de trabalho, reduzindo o modelo do provedor único e masculino, podem ser indícios de algumas transformações nas desigualdades de gênero que vem ocorrendo nas últimas décadas. É no interior dessas mudanças que os domicílios chefiados por mulheres também podem ser inseridos. De acordo com Barsted (1995) - na análise que faz das mudanças na inserção social das mulheres - o aumento da chefia feminina nas camadas populares possibilita repensar as dinâmicas das relações sociais e familiares, permitindo uma possível alteração dos padrões hierárquicos entre homens e mulheres. Segundo a autora, os domicílios com chefia feminina não superaram suas assimetrias de gênero, porém a ausência do homem provedor pode fazer com que as mulheres se sintam mais valorizadas quando administram seus domicílios.

Segundo Oliveira (1992),

“As mulheres sem companheiro oferecem uma oportunidade socialmente privilegiada para o exame de alternativas de organização doméstica. Mulheres solteiras, separadas ou divorciadas e viúvas enfrentam a contingência de constituir um mundo doméstico a partir de outros vínculos que não o conjugal. Obviamente que a ausência de um companheiro não constitui a única contingência relevante. Ter ou não filhos, pais e outros parentes constituem também fatores a partir dos quais se configuram as alternativas de organização do universo do cotidiano.” (Oliveira, 1992, p. 157)

Entretanto, é muito importante deixar claro também que os casos de monoparentalidade feminina assumem diferentes facetas, dependendo do estrato social da mulher. Bilac (1991) assinala que a chefia feminina de mulheres de classe média ou alta é bastante diferente daquelas das classes mais baixas. Enquanto grande parte das primeiras assume a chefia do domicílio enquanto profissionais qualificadas que administram seus lares delegando as tarefas domésticas às empregadas, as mulheres das classes de renda mais baixa assumem a responsabilidade por seus domicílios tendo, muitas vezes, que conciliar o cuidado da casa, dos filhos e o trabalho remunerado.

Outro ponto que a literatura sobre o tema aborda e que se mostra de fundamental importância no contexto analisado é a sugestão de que as mulheres que assumem a chefia domiciliar - diante da ausência de marido/companheiro - ampliam seu universo de relações, agregando novos membros como parentes e vizinhos. Tal ampliação pode resultar na formação de redes sociais que se configuram em importantes fontes de apoio seja cotidianamente, seja nos momentos de crise. Nesse sentido, é possível que os domicílios monoparentais chefiados por mulheres possam desenvolver importantes redes de relações sociais visando benefícios mútuos, com as mulheres podendo atuar tanto como receptoras, como doadoras de apoio.

Acredita-se também que no contexto da monoparentalidade, as chances das mulheres desenvolverem maior autonomia e independência são consideráveis. Segundo Bilac (1991) e Oliveira (1992), a possibilidade de sobrevivência da mulher sem a presença de pais, companheiros ou filhos adultos abre a possibilidade de uma maior “autonomização”, fazendo com que elas possam formar ou encontrem outros núcleos de interesse ou redes de sociabilidade apoiadas em vínculos não conjugais.

O projeto que originou este trabalho estava inserido no contexto do projeto temático **“Dinâmica Intrametropolitana e Vulnerabilidade Sociodemográfica nas Metrôpoles do Interior Paulista: Campinas e Santos”**, desenvolvido pelo Núcleo de Estudos de População (NEPO), sob a coordenação do Prof^o Dr^o José Marcos Pinto da Cunha. De modo particular inseriu-se no subprojeto **“Vulnerabilidade Sociodemográfica e Famílias em Regiões Metropolitanas Paulistas”**³, coordenado pela Prof^a Dr^a Elisabete Dória Bilac.

O método

Como já dito anteriormente, o principal objetivo do trabalho é investigar o processo através do qual as mulheres se tornaram chefes de domicílios monoparentais. Para a captação de dados, durante os meses de outubro de 2007 e junho de 2008 foram realizadas vinte e duas entrevistas com mulheres chefes de domicílios e uma com chefe de família na Região Metropolitana de Campinas.

A escolha pela pesquisa qualitativa se deu devido à própria problemática abordada. A análise pretendida demandou uma investigação do tipo qualitativa, objetivando captar as sutilezas do fenômeno que não podem ser percebidas pelas pesquisas quantitativas. As diferentes formas como as chefes organizam sua vida familiar e doméstica, a maneira como podem estabelecer relações sociais dinâmicas e multifacetadas, juntamente com as percepções que elas têm sobre as mudanças em suas vidas depois que assumiram a chefia são fenômenos que os dados quantitativos não permitem captar. A pesquisa qualitativa, então, se apresentou como um instrumento fundamental para analisar o que o sujeito investigado diz e a maneira como ele atribui significado a suas ações. Neste sentido, este trabalho acompanha o postulado por Trigo e Brioschi (1989) e Macedo (2008), que dizem que a técnica de pesquisa adotada deve ser subordinada e metodologicamente controlada pelos objetivos da pesquisa.

Perfil das mulheres entrevistadas

As entrevistadas apresentam faixa etária que varia entre os 23 e os 54 anos, com forte predominância de mulheres que se declararam negras e evangélicas. Há grande número de mulheres que não terminaram o ensino fundamental, 14, porém, há uma maior proporção das que terminaram o ensino médio, 6, em detrimento das que não terminaram, 4. Nenhuma mulher analfabeta foi entrevistada.

³ Projeto Integrado financiado pelo CNPq.

Quanto às ocupações, oito mulheres estavam desempregadas no momento da entrevista, e uma não trabalha. Além da ajuda de suas redes familiares e sociais, duas das mulheres desempregadas viviam com o dinheiro da pensão alimentícia dos filhos, duas com a pensão dos maridos falecidos, três com o Bolsa Família, uma com a aposentadoria da mãe e o Bolsa Família. Grande parte delas também faz serviços esporádicos como faxinas, mas não soube precisar quanto conseguem tirar mensalmente com esses pequenos serviços. Das mulheres que trabalham, as rendas variam entre R\$ 380,00 e R\$ 1500,00. A maior parte começou a trabalhar com menos de 16 anos de idade.

O número médio de pessoas por domicílio no universo pesquisado pode ser considerado alto, 4,9 pessoas por domicílio. Esse fato pode estar atrelado ao relativamente alto número de filhos por mulher, média de 3,54, quando comparado com a média brasileira. Em se tratando de um trabalho qualitativo, esse número talvez não diga muito, mas é importante notar que há mulheres com 1 e 2 filhos como também mulheres com 6 e 9 filhos. A existência de pagamento de pensão por parte dos pais das crianças não é grande. Das 18 mulheres que não são viúvas, somente seis recebem pensão alimentícia.

Condicionantes da chefia feminina

Empreender uma análise em termos qualitativos do fenômeno da chefia feminina monoparental sem entender os pormenores que desencadearam tal situação deixaria o trabalho um tanto incompleto. As especificidades do fenômeno e a maneira como ele se desenvolveu lançam uma luz importante sobre como os domicílios são organizados, especialmente no que concerne à maneira como as chefes analisam sua situação e se vêem (ou não) como as principais responsáveis por seus domicílios e famílias. Analisar as maneiras através das quais as chefes assumiram a responsabilidade por seus famílias deve envolver um diálogo constante entre um conjunto de diferentes fatores que, entrelaçados, resultaram na formação deste tipo de domicílio.

Neste sentido, examinar as trajetórias dessas mulheres até a chefia se configura como um ponto de partida essencial para entender a organização doméstica de suas casas e as estratégias familiares que elas adotam. Para além disso, a sua inserção no mercado de trabalho pode dar algumas pistas esclarecedoras para entender também como elas podem ou não adquirir maior autonomia e independência diante da responsabilidade de administrarem seus domicílios.

Os fatores que desencadearam a chefia do domicílio foram amplamente relatados pelas chefes. Questões como alcoolismo e violência doméstica apareceram de maneira recorrente nos relatos. Em muitos depoimentos também é mencionado uma possível melhora nas vidas das entrevistadas depois que se separaram, o que merece uma atenção especial, principalmente na construção dos discursos das mulheres.

No universo pesquisado há um considerável número de razões que levaram estas mulheres a se tornarem as principais responsáveis por seus domicílios. A grande maioria destas razões está relacionada com a saída dos maridos/companheiros de casa, seja por viuvez, seja por separação. Entretanto, é possível notar, em alguns casos, que esse processo de assumir a responsabilidade da família começou quando as chefes ainda viviam com seus

companheiros. Como é possível verificar nos relatos abaixo, mesmo com a presença dos maridos/companheiros, algumas mulheres já sustentavam suas casas e esse fato colaborou muito na decisão de se separarem.

Era só eu, as crianças eram pequenas, né, o Nei era menor de idade, mas mesmo assim, ele foi trabalhar no supermercado Barão de pacoteiro né, pra poder me ajudar, né. E a família era bastante grande né, e sem a ajuda do marido tudo, aí ele foi trabalhar e me ajudava né. Porque eu passava uma miséria, Deus que me perdoe, dentro de casa. Eu trabalhando e as crianças pequena. Então, era só eu mesmo, que eu venho carregando minha família nas costas já faz muito tempo, muito tempo, que eu venho sozinha lutando. (Damiana, 51, doméstica, 4 filhos)

E por que vocês se separam? Porque o Aldo (primeiro companheiro) é um vagabundo, não queria trabalhar de jeito nenhum, eu não tenho sorte pra isso. **E como era sua vida de casada com ele?** Era maravilhoso, eu tinha que acordar cedo, trabalhar e ele ficava em casa, dormindo até meio dia. **Ele não trabalhava?** Ele não fazia nada, ele nunca teve um emprego bom, ele nunca teve um emprego. Ó, eu vou falar uma coisa pra você, com a vida que eu tenho hoje, não é uma vida maravilhosa, entendeu, não é uma vida que eu possa falar pra você, “nossa, que maravilha”, mas é bem melhor do que antes.

O caso de Inês também é um reflexo das dificuldades que as chefes passaram durante muitos anos, principalmente quando seus ex-maridos/companheiros deixavam de desempenhar o papel esperado deles, como provedores. Ela foi casada durante quinze anos e dessa união teve seus quatro filhos. O marido era o responsável pelo pagamento das contas de água, luz e do terreno onde a casa de Inês foi construída; e ela se encarregava da alimentação e vestuário dos filhos. Pouco antes de decidir se separar, Inês descobriu que seu ex-companheiro não pagava há muito tempo as contas de água e do terreno, acumulando uma dívida de quase R\$ 3.000,00. Esse fato foi o estopim para Inês decidir se separar, ainda mais porque seu ex-companheiro já não ajudava nem nas compras da casa. Depois da separação, a chefe tem tentado pagar toda a dívida sozinha, pois não conta com a ajuda do ex-companheiro. Neste caso, a piora das condições de vida da família de Inês não foi por causa da ruptura de sua união. Como seu ex-companheiro já não era provedor do seu domicílio, a saída dele acarretou graves problemas financeiros devido às dívidas que ele deixou para Inês.

Nestes casos expostos até aqui, as chefes, mesmo quando unidas, já assumiam a responsabilidade por seus domicílios e não contavam com a ajuda dos seus ex-maridos/companheiros. Damiana porque o ex-marido era alcoólatra e já não trabalhava mais, Inês porque o ex-companheiro gastava seu dinheiro em outros lugares e Ivete porque os ex-companheiros não trabalhavam. Desta maneira, então, pode-se dizer que assumir a responsabilidade pelos domicílios no caso dessas mulheres não se deu com a saída de ex-maridos/companheiros de casa. Durante muito tempo, elas já vinham assumindo essas responsabilidades que, em tempos anteriores, eram de seus ex-maridos/companheiros no caso de Damiana e Inês. A saída deles, nestes contextos, não acarretou mudanças significativas nesses domicílios como a saída de um provedor, como parte dos estudos sobre chefia feminina postula (Barros et. al, 1987). As mudanças oriundas dessas separações, segundo essas mulheres, tiveram um caráter mais emocional, pois a partir da saída de ex-maridos/companheiros, elas não precisaram mais ter que lidar diariamente com os transtornos que esses homens causavam. Pode-se dizer então, que, nesses casos, os homens aparecem mais como pesos que as chefes tinham que suportar do que como figuras de autoridade e provedores dos domicílios.

Esses achados corroboram a literatura sobre o tema quando assevera que, nas camadas populares, a figura do homem enquanto provedor e responsável pela família ainda é encarada como uma das principais causas da manutenção de casamentos muito problemáticos, com a presença de traições, violência e alcoolismo (Neves, 1985, Almeida 2004, Marcondes, 2008). Esses autores afirmam que as chances das mulheres permanecerem durante bastante tempo em uniões infelizes são consideráveis, desde que o homem permaneça sustentando financeiramente as famílias. De acordo com Neves (1985) - em um trabalho que realizou em um bairro da cidade de Salvador/BA com arranjos matrifocais - nesses contextos, as agressões que as mulheres sofrem dos maridos bêbados, apesar de não se constituir uma prática legítima, geralmente é compreendida. As críticas aos homens são feitas mais ao uso do álcool (que pode fazer com que parte do orçamento doméstico seja desperdiçada) do que propriamente à agressão. Entretanto, esse tipo de situação se mantém, segundo a autora, desde que o marido ou companheiro mantenha seu papel de provedor. E as mulheres, a todo o momento, agem tentando fazer com que os companheiros assumam esse papel.

Já o trabalho de Nascimento (2005) - sobre arranjos familiares de homens não provedores e alcoólatras em um bairro popular de Recife - apresenta dados bastante diferentes dos apresentados por Neves (1985). De acordo com o autor, muitas das mulheres que vivem com companheiros alcoólatras que por vezes as agridem, desistiram de reverter esse tipo de situação e já não esperam que eles voltem a trabalhar. As mulheres reconhecem que não podem mais contar com os maridos, mas, em muitos casos, permanecem unidas devido às diversas negociações e maleabilidades que a vida cotidiana reserva a essas pessoas.

Conforme apontado acima, o não suporte financeiro da família também se atrela em alguns casos à violência doméstica e ao alcoolismo. No universo pesquisado, há cinco casos em que o alcoolismo e/ou a agressão física são relatadas como causas de rompimento da união. Em todos eles, as chefes viveram durante bastante tempo sendo agredidas e/ou convivendo com o alcoolismo dos companheiros. Entretanto, é importante notar também que o processo de separação dessas mulheres não foi estabelecido devido unicamente a uma causa e deve ser analisado com muito cuidado. Em muitos casos, as mulheres não se separaram única e exclusivamente porque os companheiros/maridos não sustentavam a casa ou por causa de agressões ou alcoolismo. Todos eles foram fatores muito importantes na tomada de decisão das chefes, porém quando agrupados com outros. Mesmo quando as mulheres declaram somente uma causa de separação, por exemplo, a traição, é possível perceber posteriormente em seus discursos que outros motivos como agressões ou não pagamento de contas da casa contribuíram para que elas não permanecessem unidas. De acordo com Sarti (1996), as famílias das classes populares seriam regidas por uma ordem moral que comanda todas as relações sociais em volta dela. Nesse sentido, a autora assinala que nesses contextos há uma força simbólica muito grande, na qual o homem aparece como o provedor do teto e da alimentação e a mulher como a administradora do lar. A partir dessas premissas, qualquer desvio do homem a essa norma faria com que ele perdesse sua moral e honra. O trabalho nesses contextos faria “do homem, homem”, e que aquele que não o fizesse, perderia sua autonomia moral e sua honra. O homem alcoólatra também teria o mesmo tipo de perda. Nos relatos abaixo, nota-se que além das várias causas possíveis das separações, as chefes ficaram períodos consideráveis em suas uniões com problemas. A decisão de se separarem não foi rápida e se deu depois de alguns anos de sofrimento e algumas idas e vindas.

O caso de Meyre é um exemplo de como a causa da separação pode ter sido desencadeada por um fato inicial, o alcoolismo do ex-marido, mas outros fatores como o fato

dele não trabalhar e se tornar violento também a ajudaram na tomada de decisão. A chefe se casou quando tinha dezoito anos e aos dezenove ficou grávida de sua primeira filha. Dessa união teve quatro filhos, a mais velha agora com vinte e dois anos e a mais nova com dez. O casamento durou catorze anos e o alcoolismo do marido começou quando eles estavam unidos a cinco, ou seja, Meyre permaneceu nove anos com o companheiro alcoólatra. O estopim para a separação foi quando seu ex-marido, durante uma briga, atirou um prato na direção de Meyre e quase acertou sua filha ainda bebê, que estava no colo da mãe.

E qual foi o motivo da sua separação, Meyre? Meu marido se tornou alcoólatra. Então, ele não ia mais trabalhar, só eu trabalhava, tinha que sustentar a casa, aí chegou num ponto, que eu falei, “não, não tem mais condições”. Agüentei, agüentei, tentei ajudar, falei pra ele ir ao AA, mas ele não queria saber de nada, começou a ficar violento. Aí eu falei, “não, não tem condições”. Quando eu separei, minha filha mais nova tinha 1 ano e meio. (Meyre, 41, auxiliar administrativo, 4 filhos)

Eu queria que você me falasse um pouco por que você se separou dele? Por que separou? **É.** Porque era muito novo, né, muito imaturo. Teve traição da parte dele. E, não tinha respeito um pelo outro. Era muito novo quando tudo aconteceu. Eu tive o Fabiano, eu tinha 18 anos na época, era muito novo mesmo. Mas foi por isso mesmo, por causa de traição. **E você chegou a ter problema de agressão?** Teve, teve sim. (Keila, 27, vendedora, 1 filho)

Entretanto, um ponto em comum em grande parte das entrevistas de mulheres que se separaram ou se divorciaram é a falta do homem enquanto provedor como um fator decisivo para a separação. Nestes casos, as mulheres viveram durante muito tempo com problemas sérios vindos dos ex-companheiros, como agressões. Porém, nos casos em que apesar das agressões, do alcoolismo e das traições, os homens ainda provinham seus domicílios financeiramente, as chefes permaneceram muito tempo unidas ou casadas. Dessa maneira, então, é possível notar que a figura do homem nestes domicílios ainda está fortemente associada à idéia de provedor financeiro e o grande responsável pela família. Quando este homem deixa de ser o provedor, ele se transforma em um peso que as mulheres têm e não gostam de carregar. Sua saída do convívio familiar é um ponto de muita tensão, porém, resulta em tranquilidade e na possibilidade dessas mulheres desenvolverem outros tipos de relações sociais. Isto pode incluir também a inserção delas no mercado de trabalho, contribuindo para a possibilidade de maior independência e de administrarem seus domicílios de maneira satisfatória.

Separações causadas devido a traições dos ex-companheiros foram relatadas em cinco entrevistas. Em duas delas, as mulheres também eram agredidas e em outra, o ex-marido não colaborava na manutenção da casa como a chefe achava que deveria. É no contexto de separações nas quais traições aconteceram que há os únicos relatos de três mulheres que se dizem “abandonadas” pelos ex-companheiros. Em todos os outros, elas tomaram a decisão de se separar. Houve algumas tentativas de reconciliação em alguns casos, logo no início da separação ou posteriormente, mas as chefes decidiram permanecer sozinhas.

E por que vocês se separaram? Porque ele me traiu. **Como que foi?** Ah, ele me traiu, né. Aí eu descobri, meus irmãos me falaram. Aí ele mesmo saiu de casa, entendeu, por mim, tinha reconciliado, normal. Mas ele saiu de casa, aí eu não quis mais saber.

Você queria reconciliar? Agora não. No início, eu tava meio assim. No início e as criança pequenininha. A pequenininha tinha 10 meses quando eu me separei dele.

Então, eu com 2 crianças, uma de 2 e outra de 10, ia ficar difícil pra mim, mas aí, ele não quis e agora ele quer e eu não quero.

Agora ele quer voltar? Ele quer, mas eu não quero. **Por quê?** Ele não ajuda, nem vê as crianças. E o amor pelas crianças? Se ele me ajudasse, viesse pelo menos visitar as crianças, né, mas não, ele some. Então não tem jeito não. (Zilma, 33, costureira, 2 filhas)

E por que você se separou? O motivo da separação foi uma traição violenta. Ele me, ele largou a família, ele abandonou a família por outra mulher. Aí eu não quis mais, ele tentou voltar, eu falei que eu não queria mais e isso já tem 5 anos. Ele já tem outra filha com essa mulher. Mas a gente não é inimigo. É assim, ele lá e eu aqui. (Márcia, 45, auxiliar de limpeza, 2 filhas)

Neste sentido, os diversos problemas pelos quais essas mulheres passavam e a ausência dos ex-maridos/companheiros enquanto figuras paternas para seus filhos, não só enquanto provedor, são fatores que, somados a todos os outros, influenciaram as chefes quanto à decisão de se separarem. Para elas, o importante era ter um marido/companheiro em todos os sentidos que a palavra pode ter, ou seja, elas esperavam que eles assumissem não só a manutenção financeira de suas famílias, mas também o cuidado e apoio aos filhos. Quando pelo menos um desses quesitos, principalmente o primeiro, ainda existia, elas permaneciam unidas, apanhando e convivendo com o alcoolismo do marido, em alguns casos. Isto porque o homem ainda desempenhava um papel socialmente designado a ele.

Quando este homem deixa de fazê-lo, se transforma em um fardo que desintegra sua importância e função dentro desta família. Ele deixa de ser um membro dela para se transformar em um problema, fonte de vergonha e decepção para sua família. E no momento em que as chefes percebem que já tinham tomado a responsabilidade de seu domicílio para si, elas optam pela separação. Isto acontece não somente para se livrarem dos problemas, das discussões e brigas, mas também porque essas mulheres sabem que uma figura adulta a menos na sua casa lhe trará mais benefícios (um dependente a menos para ela sustentar) do que inconvenientes e que elas podem continuar mantendo seus domicílios.

Outro fator que também desencadeou a chefia feminina no universo pesquisado foi a viuvez das mulheres. Em cinco casos, as mulheres assumiram a chefia depois que se tornaram viúvas. É preciso dizer, entretanto, que em um deles, esse processo não foi simultâneo à viuvez. Quando Berenice ficou viúva, morava na casa de sua mãe e lá permaneceu mais alguns anos depois do falecimento do companheiro. Optou por morar sozinha com os filhos porque estava tendo problemas de relacionamento com sua mãe e padrasto. Como eles criticavam a maneira como Berenice cuidava de seus filhos, ela optou por sair da casa da mãe. Esta chefe teve duas uniões e as duas foram interrompidas pelo assassinato de seus companheiros em bares da cidade.

Mesmo quando a chefia foi decorrente de viuvez, os problemas nos casamentos e uniões, evidentemente, também existiam. Alcoolismo e violência doméstica eram recorrentes no caso de Solange e alcoolismo no caso de Marlene. Entretanto, nos discursos dessas mulheres, a separação nunca foi uma opção. Elas declaram que apesar de todas as dificuldades e situações sérias de conflitos, sempre permaneceram unidas.

E de que jeito a senhora acha que a vida da senhora mudou depois que a senhora ficou viúva? Olha, eu vou ser sincera, a gente não tinha paz não. A gente não conseguia paz, era um brigueiro dentro dessa casa, um griteiro, criança não tinha sossego pra brincar com uma bola, pra assistir uma televisão. Mas assim, que ele tava bebendo demais, ele bebia demais, que ele não tinha controle mesmo. **Mas a senhora chegou a ter problema de violência?** Ixe, muita, muita, muita. **A senhora chegou a denunciar alguma vez?** Eu fiz isso uma vez, mas foi pior, foi pior. Só assim, eu fiz, eu achava que as autoridades, a polícia ia conversar com ele, né, fazer ele assinar um termo, alguma coisa pra ele parar de me agredir. Mas não resolveu não, ele chegou em casa e fez pior. Aí ele quebrou tudo, me bateu mais, mesmo. Ele me batia muito, foi 20 anos assim, apanhando dia e noite, dormindo ele me batia. Até que chegou num ponto dele me tirar da cama. “Sai, sai, você está atrapalhando”, porque ele queria espaço. Foi muito complicado, muito triste mesmo, muito mesmo, uma coisa que a gente quer esquecer. **E a senhora nunca pensou em se separar?** Não, isso nunca passou pela minha cabeça. Eu achava que eu era a mulher dele e tinha que ficar com ele na saúde e na doença. E tinha os filhos também. Ele nunca deixou faltar nada dentro de casa, ele sempre bancou tudo, neste sentido, eu não posso reclamar. Quando eu trabalhava, eu tinha meu dinheiro, era meu, como eu te falei. Então, ele sustentando a família, não deixando faltar, eu achava que tinha que ficar com ele. (Solange, 50, desempregada, 5 filhos)

E quando a senhora conheceu seu marido? Eu conheci quando eu vim morar, quando eu vim ser inquilina deles. Aí nós ajuntamos, nós vivemos junto 22 anos. Só que nós também não vivia bem. Nós brigávamos muito, era mais brigando do que de bem, porque ele bebia muito. Aí depois que ele largou de beber, aí nós paramos de brigar, tudo. Mas eu nunca o larguei pra ir assim, pra falar, “você fica aí que eu vou embora daqui, que não sei o que”. Isso eu nunca fiz. Eu nunca larguei dele não. Vivi com ele 22 anos. (Marlene, 38, dona de casa, 4 filhos)

O depoimento de Solange é bastante contundente no que diz respeito a importância do homem enquanto provedor. Apesar da série de dificuldades pelas quais ela passou durante toda sua vida de casada, o fato de seu marido prover o domicílio parece atenuar os outros inúmeros e sérios problemas conjugais que ela tinha. Talvez possa-se dizer que a manutenção financeira promovida pelo homem funcione como uma espécie de escudo através do qual muitas mulheres enfrentam todos os outros problemas que a relação possui. A convivência com um marido/companheiro alcoólatra ou agressor parece ter menos peso do que conviver com um marido que não sustente financeiramente sua família.

Diante desse quadro de relações problemáticas entre as chefes e seus ex-companheiros (algumas delas relatam que foram perseguidas pelos ex-maridos/companheiros durante um tempo, logo depois da separação) é possível encontrar também contradições nos discursos dessas mulheres que, a todo o momento, têm que lidar com as mudanças que a chefia trouxe para suas vidas. De um lado, em muitos relatos, há a “paz” e a “independência” que a separação trouxe, mas de outro há também os problemas financeiros que elas têm que encarar sozinhas. Com ou sem a presença de companheiros/maridos, esses problemas existem e elas tem que administrá-los.

E agora eu queria que você me falasse o que mudou na sua vida depois que você se separou do Carlos. O que mudou? É, em que sentido você acha que sua vida hoje está diferente ou não. Assim, está diferente assim, devido a minha agitação, porque eu era uma pessoa agitada e o Carlos é uma pessoa agitada, às vezes está sentado no sofá, aí depois levanta e vai procurar alguma coisa pra fazer, a gente não tinha essa paz que a gente tem agora, entendeu, as crianças sentadas pra ver um desenho. Então, eu acho que mudou nesse sentido, é lógico que ficou mais difícil, ficou mais difícil, porque antes pra

mim era cômodo ter ele porque, assim, tava acabando isso, eu não tinha que me preocupar que ele tomava a frente e ia resolver, entendeu, hoje não. Acho que psicologicamente ficou mais conturbado pra mim, entendeu, porque é tudo eu que tenho que fazer sozinha. Tenho que sair, ganhar, colocar aqui dentro, entendeu. Se eu não limpar a casa todo dia, vai ficar sujo, entendeu, porque não tem quem limpa, entendeu. (...) Então, acho que agora, a minha atenção está mais voltada pras crianças, pra três, e antes era pra 4. E antes, tinha que me preocupar que ele ia chegar e que o almoço tinha que está pronto, hoje, eu acho que é assim, mais sossegado em termos, porque ele era muito exigente. (Karina, 28, desempregada, 3 filhos)

E de que jeito é diferente hoje da época que você tava casada? Está diferente. **Diferente como?** Porque quando tava era melhor, agora apertou mais um pouco, né. **Quanto ele ganhava?** Ele ganhava 800, 700 e pouco. **Aí na época que você era casada, você recebia ajuda...** não. **Bolsa família?** Não. **A cesta?** Não. Não recebia porque não precisava.

Como que você acha que é cuidar da casa, cuidar dos filhos sem o marido? Ah, é bom. Eu já acostumei já. Já me acostumei. **Mas como você acha que é?** Tem que ser o pai e a mãe ao mesmo tempo. Tudo é você que tem que fazer. Aí tudo você tem que dar uma pausa, tem que fazer isso, tem que fazer aquilo. Ah, eu já me acostumei já. É bom assim. Agora eu posso fazer tudo na hora que quer, antes, era tudo na hora que homem quer. Agora, faz na hora que você quer. (Norma, 27, desempregada, 5 filhos)

Como é possível notar nos relatos de Karina e Norma, como os companheiros eram os provedores, a todo o momento elas têm que lidar com as necessidades pelas quais elas e seus filhos passam, ao mesmo tempo em que sentem maior tranquilidade por terem saído de uniões problemáticas. A independência que adquiriram no cuidado da casa e dos filhos colide com os problemas financeiros que elas enfrentam. Entretanto, segundo seus discursos, viver de maneira independente, porém tendo que administrar os problemas financeiros sozinhas ainda é melhor do que viver sob a vigilância e dependência dos ex-companheiros.

Diante das narrativas de todas essas mulheres, conclui-se que há um conjunto considerável de visões de vida, ou seja, da vida dessas chefes que são determinadas pelos contextos sociais e históricos nos quais vivem. Os diferentes discursos e as contradições encontradas neles, como já assinalado, são resultado das vivências e experiências dessas mulheres. Nos discursos de uma delas, Cláudia, a chefia do domicílio é vista como algo problemático, devido a um complexo conjunto de fatores que resultaram nas condições de vida que ela tem hoje. Já no caso de outras chefes, ao assumirem a chefia de seus domicílios, um outro leque de oportunidades foi aberto, trazendo consideráveis benefícios e certo conforto, que pode ser material e/ou emocional. Evidentemente, não há um padrão com o qual se possa associar os sentimentos e as expectativas das mulheres quando se tornam as chefes de suas famílias e domicílios. Pioras e melhoras nas condições de vida também são relativos.

Considerações Finais

Diante das narrativas das mulheres entrevistadas, conclui-se que há um conjunto considerável de visões de vida, ou seja, da vida dessas chefes que são determinadas pelos contextos sociais e históricos nos quais vivem. Os diferentes discursos e as contradições encontradas neles, como já assinalado, são resultado das vivências e experiências dessas mulheres. Evidentemente, não há um padrão com o qual se possa associar os sentimentos e as

expectativas das mulheres quando se tornam as chefes de suas famílias e domicílios. Pioras e melhoras nas condições de vida também são relativos.

E de que jeito você acha que a sua vida mudou depois que você se separou?

Ah, assim, eu acho que ficou melhor. Pelo menos agora, eu tenho mais felicidade na minha casa, mais paz. Porque antes eu não tinha paz, não tinha sossego, não tinha felicidade, não tinha nada. Ai depois que ele foi embora, que eu assumi minhas filhas, que eu assumi minha casa, sem homem dentro de casa, ficou melhor, pra mim ficou melhor. Acho melhor. (Helena, 27 anos, babá, 2 filhas)

Olha, pra mim tá diferente assim, eu acho que eu tenho mais liberdade, tanto liberdade assim, de escolha, eu posso sair hoje, eu não tenho que ficar com aquele drama de ter que ficar dando satisfação se eu chego atrasada. Se eu saísse e falasse “eu vou chegar tal hora” e não chegasse, nossa, era aquilo. Ai eu tenho mais... a minha auto estima melhorou, o meu relacionamento profissional, eu era uma pessoa que era reprimida, sabe. Eu não podia conversar com ninguém que eu achava que ele tava olhando, sabe. Então, eu acho que mudou muita coisa, tanto profissionalmente, quanto espiritualmente, melhorou, eu estou mais tranqüila pra lidar com muita coisa assim. Agora eu tenho paz, sei lá, sossego. E olha a diferença, que antes eu morava em Barão Geraldo, mas eu estou assim, super contente. Eu estou em paz, uma paz muito boa. Porque agora, se eu quero estudar uma coisa, eu consigo, fiz bastante curso já. (Meyre, 41 anos, auxiliar administrativo, 4 filhos)

Mais independência e autonomia de um lado e maior responsabilidade de outro parece ser a contradição presente no universo pesquisado e que, associada à participação das mulheres chefes no mercado de trabalho possibilitam uma visão mais geral de como estas mulheres lidam com elas. Entretanto, também é importante salientar que, no interior do discurso sobre independência e autonomia, a maneira como as chefes se vêem ou não como as principais responsáveis pelos seus domicílios também parece bastante interessante. Narrativas como as apresentadas a seguir podem ser bastantes elucidativas neste sentido.

“Ai hoje não, até um dinheirinho dá pra mim guardar. Dá assim, além de eu ter arrumado esse serviço, que eu ganho mais, ai agora eu mesma controlo minhas dividas, como eu gasto meu dinheiro, o que eu posso gastar, o que não dá. É assim, é assim, eu acho que mudou nessa relação, eu posso dar mais coisas pras minhas crianças do que em antes, né, que eu ficava dependendo dele. Tanto que as vezes, ele gastava o dinheiro, assim, em outras coisas que eu não via, né. Agora não, eu vejo, eu cuido do meu dinheiro.” (Zilma, 33 anos, costureira, 2 filhas)

“E o que mudou depois que o Maurício foi embora? Ah, não mudou nada né, fia, porque eu sempre fui mãe e pai dos meus filho, né.” (Ivete, 35 anos, cozinheira, 5 filhos)

“Então, era só eu mesmo, que eu venho carregando minha família nas costas já faz muito tempo, muito tempo, que eu venho sozinha lutando.” (Damiana, 51 anos, doméstica, 4 filhos)

Esses relatos sugerem que essas mulheres se vêem como as grandes responsáveis pelos seus domicílios e assumem o papel de chefe não só perante os órgãos oficiais que colhem esse tipo de informação e os pesquisadores que querem estudar essas mulheres. Elas se assumem

como o “homem e a mulher” dentro da casa e além de vivenciarem tais papéis, conseguem exteriorizá-los por meio de expressões que agregam as ditas funções que homens e mulheres devem desempenhar no interior das famílias.

Entretanto, é importante ressaltar que a presença de autonomia e independência garante a essas mulheres um mundo sem privações. O grupo analisado faz parte de uma classe de renda baixa, que possui enormes dificuldades financeiras. O que o trabalho de campo mostrou foi que apesar e no interior dessas enormes dificuldades e problemas, as chefes conseguem manter relações sociais que, além de amenizar as carências desses domicílios, também permitem às mulheres obter informações que possam trazer alguns benefícios. Ou seja, direta (ajuda financeira ou em espécie) ou indiretamente (informações), essas mulheres são capazes de mobilizar recursos de maneira independente em situações de muita escassez e dificuldades. Seja através de parentes, vizinhos ou mesmo membros de igrejas e colegas de trabalho, observou-se que as chefes possuem recursos através do qual podem desenvolver estratégias que culminam em maior bem estar às suas famílias. O fato de conseguirem articular suas redes de relações sociais na tentativa de sanar suas maiores dificuldades pode ser considerado um indício de que são mulheres ativas e independentes.

Bibliografia consultada

AGIER, Michel. “O sexo da pobreza. Homens, mulheres e famílias numa “avenida” em Salvador da Bahia”. In **Tempo Social**, Revista Sociol. Usp: SP, 2(2), 1990.

BARROS, Ricardo; FOX, Louise; MENDONCA, Rosane. “Female-headed households, poverty and the welfare of children in urban Brazil”. In **Economic Development and Cultural Change**. Vol 45, nº 2, 1997.

BARSTED, Leila. “De igualdades e de diferenças: falando sobre mulheres”. In RIBEIRO, I.; RIBEIRO, A. C. **Famílias em processos contemporâneos: inovações culturais da sociedade brasileira**. São Paulo/SP: Loyola, 1995.

BILAC, Elisabete D. “Convergências e divergências nas estruturas familiares no Brasil”. In **Ciências Sociais Hoje**. São Paulo/SP: Vértice, Editora Revista dos Tribunais: 1991.

GUIMARÃES, Iracema B. “Revisitando a família no cenário da pobreza”. In **Caderno CRH**. Salvador/BA, nº 29, 1998.

NEVES, Delma P. “Nesse terreno galo não canta. Estudo do caráter matrifocal de unidades familiares de baixa renda”. **Anuário antropológico 83**. Rio de Janeiro/RJ: Tempo Brasileiro, 1985.

OLIVEIRA, Maria C. F. A. “Condição feminina e alternativas de organização doméstica: as mulheres sem companheiro em São Paulo”. In **Anais do VIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais**. Brasília\DF: ABEP, 1992. CD-ROM.

PACHECO, Ana Lucia P. B. **Mulheres pobres e chefes de família**. Rio de Janeiro, 2005. (Tese de Doutorado) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

PINELLI, Antonella. “Gênero e famílias nos países desenvolvidos”. In **Demographicas**. Campinas/SP: ABEP, 2004.

SAFA, Helen. “Prólogo”. In GONZÁLEZ DE LA ROCHA, Mercedes. **Divergências del modelo tradicional: hogares de jefatura feminina en América Latina**. México: Ciesas, 1999.

SALEM, Tânia. “Mulheres faveladas: com a venda nos olhos”. In **Perspectivas Antropológicas da Mulher I**. Rio de Janeiro/RJ: Zahar, 1981.

SAMARA, Eni de M. “Mulheres chefes de família no Brasil: séculos XIX e XX. In **Pré-Evento Mulheres Chefes de Família: crescimento, diversidade e políticas**. Ouro Preto\MG: ABEP, 2002.

SARTI, Cynthia A.. **A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres**. Campinas/SP: Editora Autores Associados, 1996.

THERBORN, Göran. “Prefácio”. In **Sexo e Poder: a família no mundo: 1900-2000**. São Paulo/SP: Contexto, 2006.

VAITSMAN, Jeni. “Pluralidade de mundos entre as mulheres urbanas de baixa renda”. In **Revista Estudos Feministas**. Rio de Janeiro/RJ, vol. 5, nº 2, 1997.

WARTENBERG, Lucy. “Vulnerabilidad y jefatura em los hogares urbanos colombianos”. In GONZÁLEZ DE LA ROCHA, Mercedes. **Divergências del modelo tradicional: hogares de jefatura feminina en América Latina**. México: Ciesas, 1999.

WOORTAMAN, Klaus. “Casa e família operária”. **Anuário Antropológico/80**. Rio de Janeiro/RJ: Edições Tempo Brasileiro/UFC, 1982.

_____. **A família das mulheres**. Rio de Janeiro/RJ: Tempo Brasileiro, 1987.